



fazer o que bem entenderem. Isso, claro, dentro da ética. "Não aceitamos que os sites promovam algo ilegal. De resto, tudo é permitido", diz Barreto. "Não aceitamos conteúdo que ofenda pessoas ou crenças e costumes. Isso é uma postura da AOL mundial", comenta Cury. Ou seja: o que grandes portais aceitam deve estar dentro da ética mundial.

Para se ter uma idéia da importância destes pequenos sites gerando conteúdo específico para grandes portais, estas empresas garantem que estão com portas abertas para alojar mais páginas. "Estamos sempre com as portas abertas para conversar", diz Cury. E para tanto, basta ter um bom conteúdo e uma página ajustada. Nem mesmo o número de acessos é importante nesse caso. "Não há porque nos importarmos com o acesso prévio do site. Queremos mesmo é seu serviço, o que tem de melhor a oferecer", finaliza o executivo da AOL.



## REVISTA CIENTÍFICA

Um site que começou pequeno e acabou entrando para o rol do iBest é o Revista Científica ([www.revistacientifica.com.br](http://www.revistacientifica.com.br)), do geólogo Ricardo Nogueira Maekawa. O site, que trata basicamente de assuntos ligados às ciências e tecnologia, está no ar há menos de um ano. E mesmo assim, graças ao geólogo, que bateu à porta de diversos conglomerados pontocom, já está num dos principais portais do País. Veja a entrevista que Maekawa,

veterano em Internet, deu à revista W. Infelizmente, o proprietário do site não quis revelar o quanto ganha com o acordo.

### 1 O que é o site Revista Científica?

A idéia de montar o Revista surgiu logo depois do quebra-quebra do fim do ano 2000. Após trabalhar como redator/repórter no Super11.net e na Época Online, da Editora Globo, e ter contato com o cotidiano da produção de conteúdo online, resolvi fazer o Revista. O intuito era associar o que aprendi na faculdade que cursei até a metade do 3º ano (geologia) e o novo aprendizado que relacionava o jornalismo às tecnologias de produção de conteúdo online. Além disso, escolhi *Ciência e Tecnologia* por sentir conforto ao tratar do tema, uma vez que, como falei antes, já tinha uma iniciação prévia nessa área, e também por gostar muito do assunto. Tive dois tipos de colaboradores: os que me auxiliaram na questão técnica da montagem de sites/layout e os que ajudaram no conteúdo. É difícil falar em números, pois muita gente me ajudou com uma informação, um palpite... Recebi muitos e-mails também, com sugestões, elogios e críticas. Isso desde 2000.

### 2 E quando exatamente você chegou ao iBest?

Comecei uma reformulação geral do site em julho deste ano. Motivado pela ausência de canais que tratam exclusivamente de *Ciência*, busquei deixar o site com uma linguagem visual apropriada aos portais, seguindo mais ou menos a mesma lógica de navegação dos mesmos. Quando terminei a reformulação, eu é que fui apresentar o Revista aos portais. Não fui procurado, eu é que fui lá e ofereci. Ofereci para o IG e para o Terra também, na mesma semana que ofereci pro iBest. O iBest me mandou o contrato primeiro e, pelo menos em relação ao Terra, me pareceu um acordo mais justo. Quando "startamos" a parceria, parei de negociar com os outros.

### 3 E como funciona seu acordo com o iBest?

A anexação do site foi condicionada a

alguns pontos. Existem dois fatores-chave que são avaliados no processo. Um deles é o fator técnico do site, que envolve layout, tecnologia e organização da informação. Eles exigem, por exemplo, que o layout do site em questão tenha uma área para *full-banners*, que é o formato utilizado pelo grosso da publicidade deles. Me pediram para tirar a saída que o Revista tinha para o Google e para colocar o Radix, que é um parceiro deles. O outro fator é do conteúdo. Não sei dizer quais são todos os critérios nesse caso, mas a resposta final vem sempre da equipe editorial do portal. Somente quando o conteúdo é aprovado, a parceria tem seu início de fato.

### 4 Como funciona o acordo? Vocês ganham uma renda fixa ou funciona de acordo com os cliques em banners de patrocinadores?

O acordo não tem envolvimento de custos. É apenas uma troca de conteúdo por visibilidade. Eles colocam chamadas fixas para o Revista em alguns canais como *Educação e Informática*, e garantem no mínimo uma chamada na home do portal por semana para o Revista. Porém, se tivermos notícias importantes, que dialoguem com o noticiário do dia, podemos ser chamados a qualquer momento. A outra parte do acordo é em relação à publicidade: 50% do espaço é deles, e o iBest coloca o que quiser e fatura em cima disso. Os outros 50% são do Revista. Não há necessidade de prestação de contas em relação a isso de nenhum dos lados. O Terra, por exemplo, obriga os sites parceiros a se hospedar em seus servidores e pega 75% da receita gerada por publicidade.

### 5 Há alguma cláusula no acordo que não permita veicular algum tipo de assunto? De alguma forma, vocês estão sujeitos a uma censura do iBest sobre algum assunto?

Não. Mas eles podem selecionar o que querem chamar em seus canais.

### 6 Até quando funcionará o acordo com o iBest?

O acordo dura por dois anos, vai até agosto de 2005.

W



Vou colar aqui abaixo “alguns” exemplos do que eu escrevia na revista do Web Master:

**PROGRAMAÇÃO**

**XML XSLT**

► Por: Ricardo Nogueira Mackawa

# Poder de fogo no lado do cliente

## Entenda como funciona a tecnologia de Internet que permite a filtragem de dados e realiza selects em arquivos XML

O nome da linguagem é sugestivo: *Extensible Stylesheet Language Transformations* (XSLT). Seu propósito é manipular e transformar dados de um documento XML antes que sejam apresentados em um browser. Na prática, é como se cada documento XML fosse a tabela de um banco de dados e o XSLT, uma linguagem capaz de estabelecer conexões com esse banco e ao mesmo tempo realizar comandos e até selects antes de renderizar o

resultado das operações no browser. Inicialmente, o XSL (*Extensible Stylesheet Language*) foi desenvolvido pelo W3C (*World Wide Web Consortium*) para realizar o layout de documentos XML (*Extensible Markup Language*), assim como o CSS faz no HTML, no XHTML e até mesmo no próprio XML. No entanto, suas funcionalidades se desenvolveram tanto, que passaram a permitir muito mais do que a simples (e trabalhosa) formatação de layout. Essa evolução do XSL ficou conhecida como

**NO CD-ROM**

**Onde Encontrar**

Aba Programação do CD-ROM

**Requisitos mínimos**

Pentium II / 32 MB RAM / Windows 95/98, ME, NT, 2000, XP

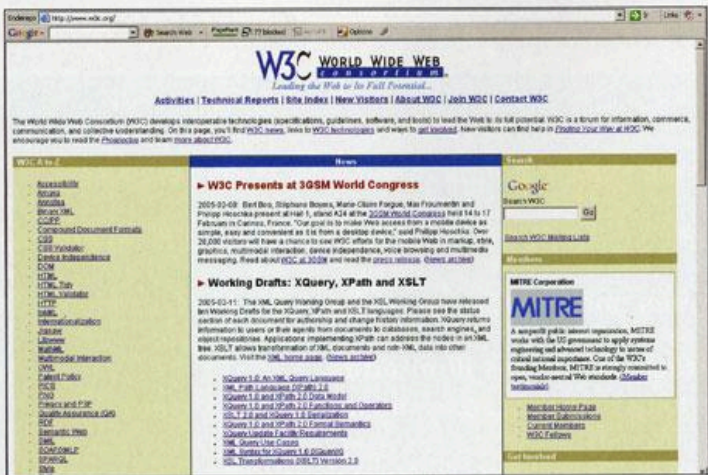
**Limitação**

30 dias de uso

XSLT. A última especificação sobre a sintaxe e a semântica elaborada pelo W3C sobre a XSLT (no caso, XSLT 1.0) é de novembro de 1999, e pode ser acessada em [www.w3.org/TR/xslt](http://www.w3.org/TR/xslt).

Não que a utilização do XSL tire o CSS da jogada. Muito pelo contrário. As duas linguagens podem trabalhar juntas. Esse “algo mais” da XSLT em relação ao CSS reside no fato de que a linguagem é capaz de realizar a filtragem de dados e a seleção por critérios dentro de documentos XML. O CSS não pode fazer isso. Algumas possibilidades dessa linguagem são impressionantes. Dá para desenvolver um website com sistema de busca e páginas dinâmicas, gravar tudo num disquete ou CD e abrir em qualquer computador com tudo funcionando. Inclusive a busca. Entre outras vantagens, é importante lembrar que o resultado final de renderização, com a ajuda de um parser, pode sair em HTML, XML, PDF ou RTF. É possível também ordenar, excluir e filtrar dados de um documento XML antes de mostrar o resultado formatado na tela do browser.

O XSLT, portanto, foi desenvolvido para ser usado como parte do XSL, da seguinte forma: enquanto o XSL



Na página do World Wide Web Consortium ([www.w3c.org](http://www.w3c.org)) há diversas informações e muita documentação oficial sobre a tecnologia Extensible Stylesheet Language Transformations

**52** Revista W



► Por: Ricardo Nogueira Maekawa

# Banco de Dados offline

**Controle ActiveX permite tabular e manipular um arquivo no formato txt como se fosse um banco de dados**

**V**ocê está orgulhoso. Acaba de entregar mais um site no qual usou e abusou de funções do lado do servidor (em ASP, PHP, .NET). O conteúdo está completamente separado do layout e do HTML. A ferramenta de busca está perfeita e o cliente, feliz. De repente, vem a pergunta: posso gravar um CD com o meu site para vê-lo fora da Internet?

É sempre embaraçoso explicar que a tecnologia não permite visualizações offline, que o banco de dados (Access, PostgreSQL, SQLServer, MySQL) é acessado

através de funções que estão instaladas apenas no servidor. Que, definitivamente, o trabalho para fazer o site funcionar fora da Web não se resume a copiar uma pasta de arquivos e colá-la em outro diretório.

No entanto, existem mecanismos que permitem transformar arquivos *txt* em um banco de dados de informações, que podem ser selecionadas, acessadas e mostradas pelo browser sem a necessidade do servidor Web. Em outras palavras, as operações de seleção e descarregamento de informações são executadas no lado do cliente. Parece até

## NO CD-ROM

### Onde Encontrar

Aba Programação do CD-ROM

### Requisitos Mínimos

Pentium II / 32 MB RAM / Windows 95/98, ME, NT, 2000, XP

### Limitação

Nenhuma

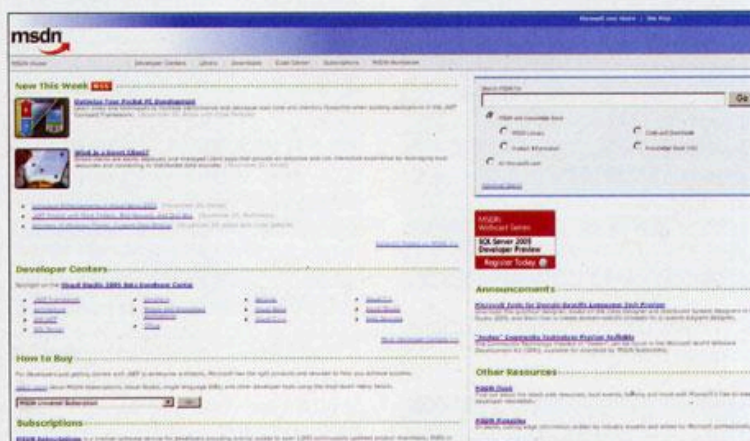
um sonho, não? Mas há limitações.

Existem duas formas para fazer isso atualmente. Ambas exigem a composição entre funções do browser e um arquivo contendo conteúdo envolto por uma linguagem de marcação. Os métodos são o XML (*Extended Markup Language*) e o TDC (*Tabular Data Control*). Antes de tudo, é preciso deixar claro que XML e TDC não podem ser comparados um com o outro de maneira literal, pois os termos referem-se a categorias distintas. Enquanto o XML é reconhecido como uma linguagem de programação (ou de marcação, como alguns preferem chamar), o TDC é um controle ActiveX construído pela Microsoft, que vem pré-instalado nos browsers da empresa a partir da versão 4.0. Portanto, no caso da utilização dessas técnicas, a questão da portabilidade está ligada ao tipo de browser do cliente.

Esta matéria irá abordar apenas o funcionamento de uma das técnicas, conhecida pelo nome do seu controle e que em alguns casos, assim como o XML, precisa compor com o JavaScript para funcionar, o *Tabular Data Control*.

## ► Utilização da Ferramenta

A primeira coisa a fazer para começar a usar o JavaScriptTDC é instanciar sua classe a partir do ActiveX. Para isso, você deve usar a tag *object*, com a propriedade *classid* chamando o TDC. O código, já embutido no HTML, tem que ficar assim:



► No site para desenvolvedores da Microsoft, [www.msdn.com](http://www.msdn.com), há informações sobre o Tabular Data Control, que permite representar sistemas de Internet em BDs offline



## Navegue entre ilhas de dados

## XML

Com uma pitada de JavaScript é possível até a navegação inter-documentos sem ter que usar o DOM



O XML Data Islands é o que há de mais prático quando se pretende desenvolver um pequeno website com cinco links em média e inserir xml em um arquivo html. O único problema é que a tecnologia só funciona com facilidade no Internet Explorer. Tem como fazer funcionar em outros browsers como Mozilla Firefox e Netscape. Mas para isso é necessário utilizar recursos do Document Object Model (DOM, em [www.w3c.org/DOM](http://www.w3c.org/DOM)) de cada browser e isso é um outro assunto. Contudo, a sensação de se produzir um website com vários links e um único arquivo html não tem preço, e isso é possível sem a necessidade de entrar em questões muito profundas.

A grande vantagem desse recurso é a possibilidade de tratar um banco-de-dados

xml de maneira bem parecida com a que se trata os bancos tradicionais. É possível, a partir de uma espécie de *select* via JavaScript, fazer o browser trocar o conteúdo renderizado na tela de acordo com um determinado critério. Por exemplo, no caso o atributo *id* do elemento xml. Isso não quer dizer que a tecnologia não apresente vantagens na ausência do JavaScript. Nesse caso, apesar da necessidade de se ter o mesmo número de arquivos quanto de links, a possibilidade de poder editar todo conteúdo em um único arquivo continua preservada. Uma outra vantagem bastante significativa do XML Data Island é a rapidez de navegação. Como todo conteúdo é lido e armazenado em cache antes de ser renderizado, a troca de informação quando um link é acionado

acontece num piscar de olhos.

As informações lidas e apresentadas pelo browser são realizadas pelo atributo *dataid*, que pode ser inserido em um elemento *span*. Ao receber valor correspondente a um nó presente no arquivo xml e referenciado por seu *id*, a propriedade *dataid* passa a funcionar como se fosse o *recordset* de uma banco-de-dados qualquer.

Vale a pena usar essa tecnologia pela facilidade, rapidez e precisão. Porém, a diversidade na capacidade de interpretação de xml entre browsers existentes acaba impondo uma série de limitações a quem quer utilizar a tecnologia. Para quem pretende apresentar informações apenas no navegador Internet Explorer, a tecnologia é um prato cheio.



## PROGRAMAÇÃO

**DOTWAP** EDITOR WML

► Por: Ricardo Nogueira Macêdo

# Utilize o DotWap 2.0

**Editor de WML permite a criação de páginas eletrônicas para celulares sem conhecimentos de programação**

**Q**uase todo tipo de descarregamento de informações em telas de telefones celulares baseia-se na utilização do protocolo WAP (Wireless Application Protocol) e na linguagem de programação WML.

Existe uma série de editores de WML que emulam a tela de um celular em browsers convencionais. Isso agiliza a programação, uma vez que as especificações WTAI (Wireless Telephony Application Interface) podem ser vistas juntamente com o conteúdo e a

navegação criados. O software DotWap 2.0 é uma dessas ferramentas.

Desenvolvido pela Inetis, o programa permite construir páginas para celulares sem saber nada de WML. O software possui um simulador que executa as informações criadas na resolução do microbrowser. O programa está na aba *Programação* do CD-ROM desta edição. O executável do programa é bastante leve, tendo somente 669 kB.

Nesta reportagem, você confere as instruções para a utilização do software gratuito de páginas acessadas via WAP.

### NO CD-ROM

Onde Encontrar

Aba *Programação* do CD-ROM

Requisitos Mínimos

Pentium II / 32 MB RAM / Windows 95/98

Limitação

Nenhuma

### ► Protocolo

O WAP impõe uma série de parâmetros para o desenvolvimento de sites capazes de serem acessados por dispositivos móveis. Isso faz surgir demandas por minimalização de interface e compactação de códigos-fonte. A causa disso é a limitada capacidade dos microbrowsers, tanto em termos de processamento, como de espaço físico. Isso se traduz na necessidade de utilização de linguagens capazes de se adequar a esse contexto.

A mais importante dessas linguagens é a WML, abreviação para Wireless Markup Language. O WML é um subconjunto do HTML e pode ser acessado via protocolo WAP. Juntamente com outras tecnologias, todas derivadas das mais usuais linguagens de programação e tecnologias de browsers convencionais como JavaScript e o BitMap, o WML permite construir sites para acesso via WAP com uma série de recursos semelhantes aos sites tradicionais da Web, como os hiperlinks, acesso a informações contidas em bancos de dados e a exibição de imagens, por exemplo.

As especificações para desenvolvimento de aplicativos nesse tipo de interface envolvem um padrão de resolução definido em fórum sobre WAP, de 1997. Na ocasião, Ericsson, Motorola e Unwired Planet concordaram em utilizar em seus telefones um padrão comum.

### ► Instalação

A instalação do DotWap 2.0 é simples e rápida. Após descompactar o programa e salvá-lo em sua máquina, basta um duplo clique e a instalação será inicializada. Siga os passos.



► **Página eletrônica da Ericsson: empresa de telefonia foi uma das pioneiras a investir e criar padrões para o desenvolvimento de tecnologias WAP voltadas a telefones celulares**



**P**rimero foi o serviço de webmail do Google, o Gmail. Depois, essa mesma empresa impressionou a todos – até mesmo militares de diversos países – com o Google Earth. Foi então que o poder dos softwares baseados na web extrapolou os limites da compreensão dos desenvolvedores comuns.

Para esclarecer como funcionava essa nova maneira de trabalhar com a web, Jesse James Garret (blog.jig.net), sócio da Adaptive Path e autor de *The Elements of User Experience*, escreveu o brilhante artigo *Ajax: A New Approach to Web Applications*, que pode ser encontrado no site da Adaptive Path ([www.adaptivepath.com](http://www.adaptivepath.com)). Foi nesse texto que o nome Ajax foi atribuído à técnica de

uso ostensivo de JavaScript e XML para produção de aplicações ricas baseadas na web. O resultado foi uma mudança significativa na forma de fazer, usar e entender a web.

Na verdade, toda essa revolução se deve ao XMLHttpRequest – um objeto JavaScript criado pela equipe da Microsoft, durante o desenvolvimento do Web Access (versão online do Microsoft Outlook). Esse objeto foi rapidamente incorporado pelo Internet Explorer e, logo em seguida, pelo Firefox.

Quando aplicações capazes de explorar o XMLHttpRequest começaram a pipocar pela net, o poder do JavaScript foi reacendido. Os olhos da comunidade que trabalha com desenvolvimento web se voltaram novamente para o DHTML,

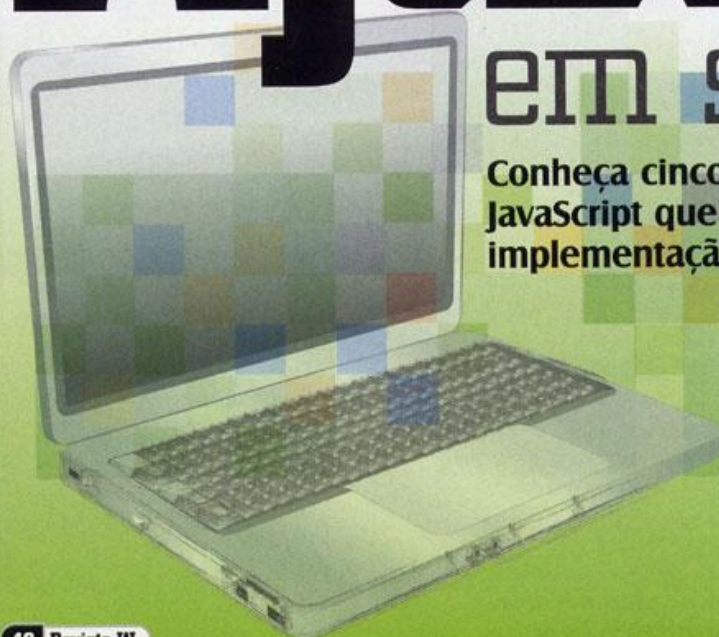
principalmente depois do artigo de Jesse James Garret. Aliás, há alguns meses, Tim O'Reilly, dono de uma das mais conceituadas editoras de livros técnicos dos Estados Unidos, inventou o nome Web 2.0, cujo significado engloba não apenas o conceito do Ajax, mas também uma série de outros fatores como padrões de montagem, uso de web services, efeitos visuais e eventos; todos capazes de enriquecer a experiência do usuário.

#### ► Frameworks JavaScript

Apesar de ser conhecido pelo seu imenso poder, o JavaScript tem um pouco de má fama por ter um console de debug não muito amigável. Há também problemas relacionados aos interpretadores dos browsers. Os Internet

# Ajax

## em seu site



#### NO CD-ROM

##### Onde Encontrar

Aba Programação do CD-ROM

##### Requisitos Mínimos

Navegador com suporte a JavaScript

##### Limitação

Nenhuma



Conheça cinco estruturas prontas em JavaScript que permitem a implementação da tecnologia



# Instale e utilize o PHP Pear

## Aprenda a instalar o gerenciador de pacotes do Pear e suas extensões

A palavra inglesa Pear significa pêra. Mas para programadores que trabalham na web, o significado desse conjunto de letras pode ser outro. Pelo menos para quem conhece o PHP Extension and Application Repository ([pear.php.net](http://pear.php.net)), cuja sigla deve ser pronunciada tal qual o nome da fruta em inglês. Como o próprio nome diz, essa parte do PHP permite que o core da linguagem receba novas funções por meio de extensões. Essas

extensões, também chamadas de *pacotes*, servem para facilitar a vida de profissionais com demandas específicas em determinadas áreas, como a programação de interface html e seus penosos formulários, estatística, sistemas de informações georreferenciadas, imagens, XML, stream, bancos de dados, redes, entre diversas outras aplicações. A lista completa de pacotes pode ser acessada em [www.pear.php.net/packages.php](http://www.pear.php.net/packages.php).

Pela definição do site do projeto, Pear é um framework e um sistema de distribuição de códigos para componentes reutilizáveis do PHP. Mas com um aprofundamento raso, facilmente percebe-se que Pear é mais que isso. Trata-se de uma proposta de desenvolvimento formada por uma biblioteca de funções de código-fonte aberto para o usuário do PHP e por um

sistema para distribuição de códigos e manutenção de pacotes.

Além disso, é composta por um estilo de padronização para escrita do código PHP, cuja especificação pode ser acessada em [pear.php.net/manual/en/standards.php](http://pear.php.net/manual/en/standards.php) e pelo PHP Foundation Classes (PFC), que determina padrões de qualidade, interoperabilidade e compatibilidade na linguagem. Por fim, o Pear é formado, também, pelo PHP Extension Community Library (PECL), que é um sub-repositório do Pear para a linguagem de programação C.

Para o usuário final, que vai apenas comer essa pêra, a parte mais importante desse composto de aplicações são as bibliotecas de funções, que, como já foi informado, podem ser chamadas também de *pacotes* ou *extensões*.

Cada pacote é um projeto separado e



# condição e comando

# XSLT

## ► GLOSSÁRIO

**Namespaces** – Conjunto de classes e objetos que atendem uma linguagem.

**W3C** – Consórcio de empresas que inventou o html e o xml, entre outras, a partir do padrão sgml. O W3C é dirigido pelo lendário Tim Berners-Lee, o homem que criou nada menos que a world wide web em 1989. O W3C é quem desenvolve os padrões web.

**Sgml** – Sigla para Standard Generalized Markup Language. Foi essa linguagem que deu origem a praticamente todas as linguagens de marcação que existem hoje, como o html, xml e xslt, por exemplo. Trata-se de um padrão que todas elas devem seguir.

**U**sar tags para fazer funcionar critérios de seleção e condicionantes com dados de um documento XML é realmente fantástico. E deve ser mais ainda para programadores experientes, acostumados a trabalhar em níveis baixos.

## If e Choose ampliam os “poderes mágicos” da seleção de conteúdo em documentos desenvolvidos com a linguagem XML

Para quem já programa em ASP, PHP ou .NET e está habituado a automatizar a montagem de uma página HTML, a utilização dessa tecnologia pode realmente facilitar a vida em alguns casos.

A possibilidade de tratar o conteúdo do XML, além de formatar o documento antes de renderizá-lo em um browser, foi um avanço sem precedentes para a XSL. Foi depois de ser agregada com essas funcionalidades pelo W3C, que a simples linguagem de formatação passou a ser reconhecida como uma linguagem de programação e recebeu o T, de *transformations*, no fim da sigla. Isso aconteceu em 1999, data que marca o

lançamento da primeira especificação da sintaxe e da semântica da XSLT.

Existe um problema. Apesar de passados mais de cinco anos desde que a versão 1.0 da XSLT foi lançada, apenas o Internet Explorer possui um processador XSLT que realmente atende todas as suas funcionalidades. Como esse processador é o que permite o entendimento da linguagem pelo browser, a questão da portabilidade fica um pouco comprometida por esse motivo.

Entretanto, se apenas tags básicas forem utilizadas, tudo funciona com perfeição nos browsers Netscape 6.0 e Mozilla Firefox 1.0. Além disso, existem



# HTML voltado à Arte

**As armas são as mesmas mas o modo de utilizá-las deve iniciar uma revolução: conheça a otimização da linguagem HTML**

Muito comum começar a programar em HTML e logo ter a sensação de que o assunto está dominado. O sujeito aprende a utilizar corretamente as tabelas, percebe que é possível colocar na tela do browser qualquer layout e começa uma previsível procriação. A romaria, que tem caráter empírico e normalmente passa batida pelas definições do W3C a respeito dos Web Standards, termina naquela famosa dúvida: "qual será a linguagem que devo estudar agora?"

Normalmente, após contato superficial com o HTML, o programador escolhe uma linguagem server-side (como ASP ou PHP) para poder interagir com bancos de dados. Depois disso, tags passam a ser manipuladas sem muito cuidado e às pressas, com a menor preocupação possível. Poucos programadores dão atenção especial a esse tipo de operação.

Acontece que escrever linhas de código em HTML "bem formado", de acordo com os Web Standards, não é tão simples como parece. É quase dramático saber que os Web Standards definem, por exemplo, que o elemento *table* é feito para formatar dados tabulares e não deve ser utilizado para estruturação de layout. Foi a partir dessa observação que surgiu uma nova metodologia para construção de interfaces em HTML, que ficou conhecida como *Tableless*.

Para quem está atrás de velocidade no descarregamento de páginas, nada atualmente é mais indicado do que a utilização da metodologia *Tableless*. Dependendo do layout, programar seguindo esse método pode se tornar um

jogo de xadrez. "Há layouts que são extremamente complexos de se construir com *Tableless*", admite Rogério Madureira, criador da Atípico ([www.atipico.com.br](http://www.atipico.com.br)), empresa especializada em dar consultoria e treinamento em *Tableless*, além de desenvolver websites (veja entrevista completa na página ao lado).

*Tableless* é um conceito que norteia o programador a escrever seus códigos de maneira mais inteligível para o browser e para o usuário. Nesse caso, a montagem de cada página leva em consideração até a hierarquização na renderização do conteúdo. O nome do conceito pode parecer radical a princípio. Em português, quer dizer "sem tabelas". Mas esse nome não deve ser entendido ao pé-da-letra. "O

conceito do *Tableless* sugere o abandono das tabelas para fazer o esqueleto do HTML", afirma o programador André Franco, presidente da Smartlab ([www.smartlab.com.br](http://www.smartlab.com.br)). "Isso não quer dizer que o uso das tabelas é errado. Em alguns casos, é possível que as tabelas sejam uma boa saída.", completa. Ou seja: é necessário aprofundamento na utilização das linguagens client-side como meio de acelerar o carregamento de páginas HTML.

## ► *Tableless* e o HTML convencional

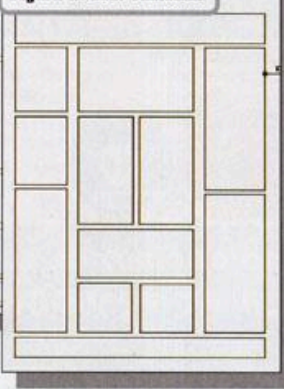
O principal problema da estruturação de uma interface em HTML a partir de tabelas é o tempo de carregamento. O

## ► *Tableless* entra em ação

Figura 1: Forma Convencional



Figura 2: Com *Tableless*

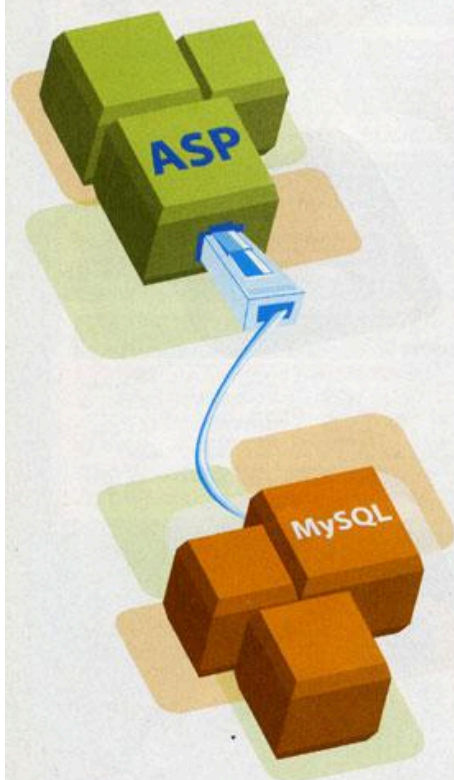


Na figura 1 (à esquerda), há a estruturação de uma página de layout a partir do elemento *table*. Note que uma tabela maior é usada para formar o "esqueleto" do layout. Portanto, todo o conteúdo tem que ser processado antes do browser renderizar a tela. Na figura 2 (à direita), por outro lado, a estrutura de layout foi desenvolvida com blocos independentes, como o recomendado pela metodologia *Tableless*. É possível, nesse caso, escolher a ordem de carregamento de cada bloco, de acordo com a necessidade do designer.



# Asp COM MySQL

Use o banco de dados aberto para trabalhar com a linguagem da MS



**A**té bem pouco tempo, o mundo dos serviços de hospedagem considerava a ala GNU-Linux e a ala Microsoft como se fossem água e óleo. De um lado, o servidor IIS (Internet Information Services), o ASP, o ASPX e os bancos de dados Access ou – com um pouco mais de dinheiro – o SQL Server. De outro, o PHP e o banco de dados MySQL.

Hoje, pouca coisa mudou. Mas é fato que alguns serviços de hospedagem permitem combinações que mesclam essas duas alas. O resultado disso é a possibilidade de usar ASP e ASPX com o MySQL, por exemplo. Trata-se de uma

quebra de paradigma, na qual quem ganha é o desenvolvedor.

Todos sabem que o tipo de banco de dados faz grande diferença. Mas falar em usar MySQL com ASP também quer dizer não usar o Access. Existem motivos para alguém querer isso.

Como cada banco tem sua vantagem, o perfil da aplicação deve indicar qual dos bancos é melhor usar. Um outro fator que também pode influenciar na hora de tomar a decisão é o custo. Nesse quesito o MySQL ganha, uma vez que é gratuito e livre. O MySQL vence também na questão da capacidade de armazenamento de registros. O Access, por sua vez, oferece a

## Vantagens Significativas

### MySQL

- Estrutura de funcionamento (cliente-servidor)
- Baixo custo
- Alta capacidade de suportar registros

### Access

- Manuseio fácil e, até certo ponto, agradável
- Realiza relacionamentos (apresenta integridade referencial)



A partir desse ponto, trabalhando com SEO:



**RICARDO MAEKAWA\_GERENTE DE SEO\_** Na Abril Digital, Ricardo Maekawa, 33 anos, é um buscador de buscadores. Ele passa os dias à caça das palavras-chave que fazem um site aparecer com destaque no Google. Chama-se isso de *search engine optimization* (SEO) e, por suas regras, escrever "automóvel" na página em vez de "carro" custa uns bons milhares de *page views*. Aos buscadores da web não interessa a leveza do estilo do autor, e sim identificar se o site fala mesmo do tema procurado. "O texto tem de ser direto para que o encontrem", afirma Maekawa. "Um link no Google é como uma chamada de revista: pode convencer o internauta a ler ou não."





Curtido por **calmazini e lucasof**  
**maeka** SeoMoz headquarters





Curtido por **matheus\_furuya** e outras  
pessoas

**maeka** We got the CRO's guru



Ricardo Maekawa

(not provided) vs. Deep-Learning:  
modelo de atribuição de categorias  
para conteúdos com base em logs de busca  
do site Infomoney

**Orientador**

**Avaliação**

Prof. Dr. Hitoshi Nagano

Satisfatório

Não Satisfatório